tados na poesia castelhana: "Questiones como las que se refierem a la relación de metro y asunto"; e a relação que existe entre a estrutura na poesia lírica e a estrutura na poesia épica. O autor, que dispõe de uma bibliografia exaustiva, não menciona uma obra e um ensaio de Menéndez Pidal, capitais para o caso: **Flor Nueva de Romances Viejos** e **Historia Troyna Polimétrica.** Ora, sôbre os ritmos próprios da poesia lírica e da poesia épica, Pidal já havia se pronunciado nestes dois trabalhos e com largas considerações. Basta ler as páginas introdutórias do primeiro; e, no ensaio sôbre o poema dos fins do século XIII, **Historia Troyana Polimetrica,** Pidal exalta o autor anônimo do poema e lhe confere uma posição de alto relêvo na história da poesia espanhola, justamente pelos méritos que tem o poeta no afã de conseguir sempre uma adequação entre a forma e o fundo que se observa em certos fragmentos da **Troyana.** É essa busca da conciliação entre o metro e o conteúdo que não vemos no repertório estrófico tão rico das poesias de Afonso X, seu contemporâneo. Pois bem: Pidal se detem a examinar sob êsse ponto de vista, e com uma intuição rara, as passagens do poema anônimo.

S. SPINA

SCHMID (Albert). — **Os Rezingões.** Uma Lejião Estranjeira, de Alemães, a serviço do Brazil, na gérra contra Rózas. Tradução Ortografada e anotasão do Jeneral Klinger. Separata de "A Defesa Nacional", n.º 438 a 441, de janeiro a abril de 1951, dedicada ao Instituto Hans Staden. Imprensa Militar. Rio de Janeiro, 1951, 64 pp.

O estudo de A. Schmid, cujo original escrito em lingua alemã tem o título "Die Brummer", tornou-se acessivel ao público interessado com essa tradução. O A. procura reconstruir não só a vida militar, mas também a influência cultural dos legionários alemães, recrutados em 1850-51 para servirem na guèrra contra Rosas.

Êsses legionários são conhecidos pelo nome "die Brummer", que o gal. Klinger traduz por "os Rezingões". "Brummer" era o nome dado pelos legionários às grandes moedas de cobre de dois vintens, que se assemelhavam a certa moeda de sua pátria, assim denominada. O têrmo, passando para a linguagem do povo, lógo foi empregado para designar os próprios legionários. Talvez com êsse nome também se pretendesse designar a propensão dos legionários para a rezingação. Pelo menos é esta a explicação que o A. dá sôbre a origem do apelido dos mercenários.

Não foi essa a primeira vez que o Império recorreu a mercenários europeus para fortalecer o seu poder militar. Apesar do fracasso da tentativa de 1824, em que D. Pedro I quis substituir as tropas portuguêsas repatriadas por estrangeiras (em suas notas, o tradutor refere-se ainda a uma segunda tentativa, por ocasião da revolta dos cabanos no Pará), D. Pedro II resolveu mandar para Hamburgo Rego Morais, com a missão de recrutar aí uma legião. As condições sob as quais os mercenários iam servir no Brasil não eram, de modo geral, desvantajosas. Organizou-se uma legião com cerca de 1.800 homens. Tratava-se geralmente de oficiais e soldados veteranos. A legião compunha-se de um batalhão de infantaria, um grupo de artilharia e duas companhias de sapadores.

Mal tinham desembarcado no Brasil, começaram as dissenções e desordens entre os mercenários e especialmente entre os oficiais. Doenças, suicídios e deserções por descontentamento diminuiram-lhes o número. Tais acontecimentos fizeram com que Caxias se negasse a empregar o batalhão de infantaria como unidade constituida. Ao passo que a maioria dos legionários ficou no acampamento, uma pequena parte, incorporada à divisão de Marques de Sou-

sa, lutou bravamente na batalha de Monte Caseros. Depois da vitória brasileira, a legião, transportada para o Rio Grande do Sul, diminuiu de tal forma que, após quatro anos de contrato, em 1855, quando foi dissolvida oficialmente, restavam apenas 200 legionários.

Para explicar o malôgro completo dessa legião, o A. aponta várias causas. Como em tôdas as legiões de mercenários, também aqui apareceram alguns aventureiros de caráter duvidoso, e, além disso, os mercenários não foram selecionados qualitativamente, sendo que muitos não tinham instrução militar alguma. Os comandantes das unidades não intervieram no recrutamento de seus subordinados, e assim os chefes só travaram conhecimento com os soldados antes da partida para o Brasil. A causa principal foi, sem dúvida, o péssimo exemplo e a indisciplina dos oficiais. Tanto o ministério de guerra, como Caxias não fizeram nada para elevar o nível da legião. O equipamento da legião era falho e inadequado às condições do país. Até certo ponto, o malôgro também é devido à mudança de ambiente e à alimentação desacostumada.

Militarmente sem importância, os legionários, entretanto, tiveram um papel significativo na colonização do Rio Grande do Sul. Apesar de tudo, a maioria dos legionários tinha desfrutado uma boa educação na Alemanha, e assim muito contribuiram para aumentar o nível cultural e material dos primeiros imigrantes alemães, que até então viviam aí quase completamente isolados. A sorte de muitos "rezingões" foi muito triste; entretanto, dessa legião sairam homens, como por exemplo Koseritz, que se salientaram na vida política e cultural do país. Sem dúvida alguma, a vida econômica, política e cultural do Rio Grande do Sul foi bastante influenciada pelo estabelecimento dos "rezingões".

É um trabalho imparcial que se lê com interêsse e proveito, sendo a leitura apenas um pouco dificultada pelo ortografia do General Klinger.

MARIA TERESA SCHORER.